



REVISTA BRASILEIRA DE PESQUISA EM TURISMO

**TURISMO E DINÂMICA CULTURAL EM UMA
COMUNIDADE DE PESCADORES ARTESANAIS: O CASO DO
FAROL DE SANTA MARTA EM LAGUNA (SC)¹**

**TOURISM AND CULTURAL DYNAMICS IN A COMMUNITY
OF TRADITIONAL FISHERMEN: A CASE STUDY AT FAROL DE
SANTA MARTA, LAGUNA (SC, Brazil)**

**TURISMO Y DINÁMICA CULTURAL EM UNA COMUNIDAD
DE PESCADORES ARTESANALES: EL CASO DEL FAROL DE
SANTA MARTA EN LAGUNA (SC)**

Rafael José dos Santos²

Eduardo Manchon Arantes³

Resumo: O artigo apresenta os primeiros resultados de uma pesquisa etnográfica na comunidade litorânea do Farol de Santa Marta, Laguna (SC), constituída por uma população vinculada à pesca artesanal. A localidade vem se transformando nos últimos 25 anos em destino de uma quantidade significativa de turistas, em sua maioria jovens universitários oriundos de grandes centros urbanos. A partir do encontro entre visitantes e residentes engendram-se novos sentidos, transformando a dinâmica cultural local com novas modalidades de ocupação e uso social dos diferentes espaços, bem como práticas de sociabilidade e estilos de vida definidos na relação entre os agentes sociais e ligados ao imaginário moderno.

Palavras chave: Turismo e Antropologia. Destino Litorâneo. Imaginário. Mudanças Culturais. Comunidade de Pescadores. Farol de Santa Marta. Laguna. Santa Catarina. Brasil.

¹ Versão modificada de trabalho apresentado na 24ª. Reunião Brasileira de Antropologia, Olinda (PE), junho de 2004.

² Doutor em Ciências Sociais, Mestre em Antropologia Social e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (Brasil). Professor e pesquisador no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade e no Mestrado em Turismo e professor de graduação na Universidade de Caxias do Sul (Rio Grande do Sul, Brasil). Email: rafael@cipnet.com.br

³ Bacharel em Turismo pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). No momento da pesquisa era estudante e realizou pesquisa sob orientação do Prof. Rafael J. dos Santos.

Abstract: The article presents the first results of an ethnographic research conducted at a seashore village in Laguna, Santa Catarina east coast, Brazil, a community relying on traditional fishing practices. During the last 25 years the place has turned into a tourist destination mostly for young undergraduate students coming from big urban centers. The encounter between visitors and visited folks has engendered new senses, changing local cultural dynamics with new ways of space occupation and use, as well as different social practices and life styles related to modern imaginaries.

Keywords: Tourism and Anthropology. Sea shore destination. Imaginary. Cultural changes. Fishermens' community. Farol de Santa Marta, Laguna, Santa Catarina (Brazil).

Resumen: El artículo presenta los primeros resultados de una etnográfica en la comunidad costera de Farol de Santa Marta, Laguna (SC), constituida por una población vinculada a la pesca artesanal. La localidad se viene transformando en los últimos 25 años en destino de una cantidad significativa de turistas, en su mayoría jóvenes universitarios oriundos de grandes centros urbanos. A partir del encuentro entre visitantes y residente se engendran nuevos sentidos, transformando la dinámica cultural local con nuevas modalidades de ocupación y uso social de los diferentes espacios, así como prácticas de sociabilidad y estilos-de-vida definidos en la relación entre los agentes sociales y ligados al imaginario moderno.

Palabras clave: Turismo y Antropología. Destino Costero. Imaginario. Cambios Culturales. Comunidad de Pescadores. Farol de Santa Marta. Laguna. Santa Catarina. Brasil.

Introdução

Longe de ser o resultado final de uma pesquisa, este texto representa uma espécie de instantâneo fotográfico, um quadro no qual se procura sistematizar, provisoriamente, alguns resultados e reflexões de um trabalho iniciado em novembro de 2003 e que tem suas origens na confluência dos desejos de um estudante e de um professor de Antropologia. Do ponto de vista do aluno, a descoberta da Antropologia vem se constituindo tanto como uma nova perspectiva para pensar a cultura de um modo geral, como em uma alternativa que abre a possibilidade de pensar o Turismo a partir de um olhar antropológico. No tocante ao professor, ressalta a inquietação do lugar da Antropologia na área dos Estudos Turísticos, fortemente marcada pelo pragmatismo, na qual a ciência da compreensão e interpretação das culturas convive – e disputa espaço – com disciplinas voltadas às demandas do mercado, constituindo um campo caracterizado por uma polissemia muitas vezes conflituosa.

Ambos os interesses, tanto do aluno como do professor, acabam por encaminhá-los a um projeto no qual a pesquisa etnográfica assume também uma natureza didática – ou seja, uma dimensão de prática de ensino-aprendizagem de Antropologia –, no âmbito de uma temática que vem consolidando-se nas últimas décadas: a das relações entre o Turismo e as mudanças culturais.

A localidade escolhida foi o Farol de Santa Marta, pertencente ao município de Laguna, no litoral sul de Santa Catarina, que nos últimos vinte e cinco anos vem sendo, de modo crescente, destino de uma quantidade significativa de turistas. Este fluxo de visitantes, aliado a outros vetores de modernização, como os meios de comunicação e a pesca industrial, compõe um quadro de mudanças culturais aceleradas e bastante complexo, com desdobramentos significativos na vida da população nativa, tradicionalmente ligada à pesca artesanal. Neste quadro emergem novas práticas de sociabilidade, confrontam-se e articulam-se diferentes estilos-de-vida e alteram-se os modos de uso social dos diferentes espaços.

O texto foi organizado a partir da idéia de construção social e cultural dos espaços: em primeiro lugar o espaço da vila de pescadores artesanais, sua memória, sua relação com o mar e a ameaça à subsistência imposta pela chegada da pesca organizada em moldes industriais. A partir deste espaço é construído um segundo: o espaço turístico, que se apropria de signos do primeiro (*o mar, a praia, a vida simples*) para constituir-se como lócus simbólico de fantasia e transgressão materializadas em um conjunto de práticas sociais. Trata-se de um espaço plural, no qual as representações e práticas de nativos e visitantes articulam-se, obedecendo a uma lógica relacional. O recurso a dois espaços e dois tempos se constitui em uma estratégia de reconstrução do real, que de resto é sempre impossível de ser apreendido em toda a sua complexidade.

Espaço do Cotidiano: Pesca e Subsistência

A primeira família a chegar à região do Cabo de Santa Marta teria sido a de Eliziário Patrício, em 1909, de acordo com o registro obtido por MARTINS (1997), que transcreve em seu livro um trecho de entrevista concedido pelo pescador à revista *Vida Doméstica* em 1947:

Aqui chegamos em primeiro de maio de 1909. Tudo isso era mato. Não morava aqui mais ninguém, a não ser os faroleiros. Quando chegamos, por não termos onde nos abrigar fizemos uma barraca com a vela de nossa canoa, e aí moramos por muitos dias, até que fizemos um rancho de palhas. Hoje isto está como o senhor vê, todo povoado. Não sei se fiz bem ou mal (citado por MARTINS, 1997:9).

Excetuando-se as populações indígenas, não mais presentes na região naquele início de século XX, os únicos habitantes eram os homens que trabalhavam nas instalações do Farol que completa, hoje, o nome da localidade, outrora conhecida antes apenas por Cabo de Santa Marta. Inaugurado pela Marinha, em 1891, o Farol situa-se no extremo do Cabo, tendo ao norte a Prainha – que hoje concentra a maior parte da atividade turística –, e ao sul, a Praia do Cardoso, preferida dos surfistas e onde se situam os barracões para a guarda dos barcos de pesca, que por ali saem ao mar.

As famílias que povoaram a região a partir da primeira década do século passado vinham de regiões próximas, pertencentes ao próprio município de Laguna: Campos Verdes – conhecida pela população local como *Carniça* – e Ponta da Barra. Muitos dos “pioneiros” haviam trabalhado na construção do Farol e se mudaram em definitivo para a localidade para se dedicarem à pesca artesanal, atividade a partir da qual organizou-se a vila de moradores (MARTINS, 1997: 35). Tanto o Farol de Santa Marta, quanto a *Carniça* e a Ponta da Barra, encontram-se afastadas do núcleo urbano do município de Laguna, separadas geograficamente por um complexo constituído de uma entrada de barra de mar, um canal e várias lagoas (Complexo Lagunar), formando uma espécie de ilha, na qual localizam-se também as comunidades da Passagem da Barra, da Cigana e mais outras dez pequenas vilas. A

população de toda a região é de aproximadamente 4.000 pessoas, das 1.000 concentram-se nas proximidades do Farol (LAGUNA, 2003).

O acesso só pode ser feito por bote ou pela balsa, que é o principal meio de travessia utilizado pelos turistas. Aos visitantes provenientes do sul do estado é possível o acesso terrestre através de uma estrada de terra que liga os municípios de Jaguaruna e Tubarão à região.

O relativo isolamento de cada uma das três comunidades, uma em relação à outra e das três em relação ao núcleo urbano principal de Laguna (a Ponta da Barra é a mais próxima, seguida da *Carniça* e do Farol, este distante cerca de 20 quilômetros) era ainda mais acentuado para as primeiras gerações de nativos, devido à precariedade das estradas e dos meios de transporte. O pescador *Bardinho*, 62 anos, nos conta que veio pequeno de Campos Verdes (*Carniça*): “Primeiro o pai vinha e nós ficava lá, naquele tempo ele fez um rancho...” e a mudança foi feita com um carro de boi. A história de *seu* Antônio Olegário não é muito diferente, como consta de seu depoimento para o informativo da Fundação *Rasgamar*, uma ONG nativa:

[...] eu nasci em Campos Verdes, vim para cá com nove anos, agora tô com com 65. [...] Viemos, meu pai veio pescar aqui. Viemo de carro de boi e cavalo...Ranchinho de palha, rancho de palha, de barro. Fui criado num rancho de barro aqui mesmo, aqui até uns... até mais ou menos uns 26 anos (FUNDAÇÃO RASGA MAR, s/d: 4).

Nos relatos de vida de pescadores mais antigos, as distâncias físicas nos projetam também no tempo, indicando as relações existentes entre os moradores do Farol e das outras localidades, como no caso do transporte para a comercialização do pescado:

[...] o caminhão que levava, vinha e pegava aqui no Farol. Antigamente, mesmo quando no tempo do meu pai mesmo, aqui não dava nem pra tirar o peixe daqui [...] porque era muito ruim tira de carroça, nós botava as carroça e levava lá pra Laguna pra *Carniça* de carroça... (Entrevista concedida pelo pescador *Campeão*, 58 anos, em 26/01/04).

Apesar do Farol situar-se nos limites oficiais do município, Laguna aparece no discurso de *Campeão* como um outro lugar, alusão que é recorrente na fala das pessoas da região. A pertença oficial é excluída do discurso da vida cotidiana, como se à distância física estivesse sobreposta uma distância simbólica (“fulano não está, foi na Laguna e volta à noite”).

Foi neste relativo isolamento que a vila em torno do Farol de Santa Marta desenvolveu-se, com a maioria das casas concentradas nos arredores da Prainha. A partir dos anos 1970, os turistas começaram a chegar, em um movimento que se intensificou nos anos 1980. Paralelamente ao crescimento do número de visitantes, aumentou também a atividade das empresas de pesca industrial na costa do Farol, em um processo que vem se estendendo por todo o Estado desde então. Conforme dados coletados por Mara Coelho de Souza LAGO (1996: 199), a participação da pesca artesanal na quantidade total da produção em Santa Catarina caiu de 41,83 % em 1975 para 13,51 % em 1987.

Os grandes barcos de pesca vêm principalmente dos portos do Rio Grande/RS e Itajaí/SC, e desobedecem ao limite de três milhas da costa, estabelecido pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente – IBAMA. O mar torna-se espaço de uma disputa desigual, como nos relatou Zé Aléu, 66 anos, atualmente residente na Ponta da Barra e oriundo do Farol, ao referir-se à diminuição do pescado, tema bastante recorrente na fala de vários entrevistados:

[...] eu acho que diminui, sabe porque, porque antigamente quando eu comecei a trabalhar, não, não existia barco, eu comecei a pescar no Farol de Santa Marta não existia barco pesqueiro, só aquelas embarcação que pescavam ali na prainha no Farol de Santa Marta, nós pescava de arrastão, arrastão é uma canoa com uma rede e quatro, e quatro pessoa remando, ai aparecia o peixe, levantava uma bandeira pra dá sinal e a canoa saia na praia e cercava, fazia o circulo lá por fora, fechava o peixe, vinha arrastando, pegava 10 , 12 tonelada conforme a malha de peixe que a gente cercava né. E hoje em dia não, não existe mais aquilo porque os barco hoje em dia já começa a pesca lá da divisa, da divisa do Chuí até o Rio de Janeiro, ai pra nós que pesquemo aqui na costa embarcação de boca aberta vai pega o quê ? Não pega mais nada, já pegam tudo antes [...]. (Entrevista concedida em 13/12/2004).

Muitas vezes a disputa pelo espaço torna-se violenta, como nos contou *seu* Adílson, morador do Farol, mencionando o fato dos grandes barcos chegarem a arremessar-se contra as pequenas embarcações, colocando em risco a vida dos pescadores artesanais. Em uma visita informal ao Farol, *seu* Adílson nos contou também que durante uma reunião com autoridades para discutir o problema, ele manifestou sua indignação perguntando: “Vou comer o quê? Vou comer areia?”. A força da expressão sintetiza a angústia da comunidade, que pouco a pouco se vê desprovida dos meios de produção, ou impossibilitada de utiliza-los plenamente. A ausência de ação dos órgãos fiscalizadores – IBAMA e Polícia Ambiental –, que alegam falta de recursos, agrava a situação (A NOTÍCIA, 14/03/2003).

Como em outras regiões costeiras do país, o impacto da pesca industrial leva muitos pescadores artesanais a tornarem-se assalariados das próprias empresas, caracterizando nitidamente a expropriação dos meios de produção. Do ponto de vista da dinâmica sócio-cultural local, entre outros aspectos, isso leva a um freqüente deslocamento de homens que permanecem embarcados por longos períodos, circulando principalmente entre os portos do Rio Grande/RS, Itajaí/SC e Santos/SP, de uma maneira semelhante àquela detectada entre os pescadores de Florianópolis. A rede de relações sociais entre os homens extrapola, assim, os limites da localidade, uma vez que estes deslocamentos ocorrem muitas vezes em conjunto, caracterizando aquilo que Carmen RIAL (citada por LAGO, 1999: 106) chamou de “grande aventura coletiva”. Muitas vezes ouvimos relatos de fatos, alguns anedóticos, que um ou outro pescador viveu com um vizinho em outros portos.

À mobilidade masculina opõe-se a imobilidade feminina, fortalecendo-se, assim, o padrão tradicional das relações de gênero, cujos desdobramentos podem ser verificados no momento do encontro com os turistas, na alta temporada. Como foi percebido por uma estudante de Turismo em seu trabalho para a disciplina Antropologia Cultural: “As meninas nativas já não podem aproveitar tanto o verão, devem cuidar para não ficarem mal faladas.

Quem *fica* com guris de fora ganha má fama no decorrer do ano” (PINTO, 2003: 5).

Às ameaças impostas pela pesca industrial somam-se aos problemas ambientais e infraestruturais causados pelo aumento do turismo, assim como ao risco ao patrimônio arqueológico da região. No extremo norte da Praia do Cardoso, por exemplo, há um grande Sambaqui, tipo de sítio presente em várias localidades da região, no qual encontram-se vestígios pré-cabralinos. Como resposta a estes problemas emergentes, foi fundada em 1997 uma organização não-governamental, a Fundação Rasgamar, sob a liderança de João Batista de Andrade, filho de pescador, que estudou em Florianópolis e retornou ao Farol. Além da Rasgamar, de acordo com informações que nos foram fornecidas pelo próprio João Batista, existem hoje mais duas associações nativas: a Associação dos Pescadores Artesanais do Cabo de Santa Marta Grande – APAFA – e a Associação de Surfistas do Cabo – SURFAROL. Entre várias ações conjuntas destacam-se o Plano de Uso de diferentes espaços (da Praia do Cardoso, do Cabo de Santa Marta Grande, entre outros) e a criação da Reserva Extrativista do Cabo de Santa, que envolve também a UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, a UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina, e o CNPT – Centro Nacional de Populações Tradicionais.

A questão da pesca aparece como central, mesmo quando perguntamos ao líder local sobre o Turismo:

A questão do turismo é polêmica. Somos favoráveis ao turismo de visitação. Não achamos interessante a exploração desses lugares tradicionais pelo poder econômico, que descaracteriza e tira a sustentabilidade do povo nativo. Veja o que aconteceu com a nossa ocupação, com a ocupação da encosta da Lagoa de Santa Marta, Galheta... Os caras chegam, constroem cada um com seu estilo "inovador", sem autorização legal, não respeitam a cultura local, o meio ambiente, destroem as paisagens naturais... Mas o que mais nos indigna é que além da infiltração ilegal, competem com os pescadores tradicionais para explorar o turismo e dentro das lagoas e praias, com artes de pesca mais modernas e muitas vezes muito mais predatórias. Para diminuir estes conflitos, estamos agindo atualmente para a elaboração do plano de gestão costeiro da região, pois, o marinho já existe desde 2002 e é muito debatido e atualizado, sempre que

necessário, pelos pescadores do cabo. [...] Enfim.... estamos trabalhando para manter as comunidades tradicionais em seu ambiente natural de trabalho e preservar esses ambientes para as futuras gerações dos filhos de pescadores artesanais, que dependem diretamente das lagoas e das paisagens naturais. O turismo é sempre bem vindo, mas com respeito às paisagens e á comunidade tradicional (Informação concedida por João Batista de Andrade em 30/04/2004).

Entretanto, frente às dificuldades impostas pela pesca industrial, o turismo transforma-se para os pescadores numa espécie de tábua de salvação, como notamos nas palavras de *Campeão*:

[...] turista é a sorte nossa... A gente tem medo, ah, o turista, se terminar o turista aqui Deus me livre [...]. Turista traz um dinheirinho pra ficar (com) o nosso peixinho, pouquinho que tem, mais tem um valor, a gente vende melhor, né? Primeiro nós pegamo peixinho lá na outra praia, lá a canoa chega com o peixinho eles sempre compra tudo... No Cardoso, pode se bem pouquinho peixe mais é valor, de primeiro não tinha valor tinha bastante e nós era obrigado a dá [...]. (Entrevista concedida em 26/01/2004).

A venda do peixe é um dos aspectos da relação entre pescadores e turistas, mas o que se ressalta na observação direta, nos registros fotográficos e nas entrevistas é o recurso ao aluguel das casas, prática que vem trazendo conseqüências drásticas na ocupação do espaço e no sistema de escoamento de esgoto da Prainha, que desemboca na areia e corre a céu aberto em direção ao mar. Vista de modo panorâmico, as casas da Prainha e de seu entorno formam um conjunto desordenado. Ao adentrarmos nele, ao caminharmos por entre as casas, temos a impressão de percorrer uma espécie de labirinto. O processo aqui é análogo àquele comentado por Santana Talavera (1997) em relação à região da Costa Brava, Espanha, na qual a demanda turística incide sobre uma ocupação anteriormente baseada apenas na atividade agrícola-pesqueira:

Ao preceder a demanda ao equipamento da área, se produz um tipo de construção totalmente anárquica, que degrada o entorno e reorganiza espacial e socialmente a região, constituindo-se como uma unidade funcional e permitindo a continuidade de algumas atividades tradicionais (TALAVERA, 1997: 32).

Neste processo articulam-se as necessidades das famílias, que constroem novas casas, próximas das primeiras, ou lançam mão do recurso às lajes, com a finalidade de “subir” as construções, e não são raras as edificações que obstruem a vista para o mar. Criam-se, deste modo, acomodações que são utilizadas durante o ano para abrigar filhos que se casam ou outros parentes. Na temporada, mudam-se todos para uma mesma casa, às vezes até para o galpão de pesca, possibilitando assim alugar acomodações para os turistas. Como nos conta *Campeão*: “todo eles aqui no Farol, é todo eles, não escapa nenhum, o farol inteiro, todos eles aluga casa [...] ah, eles tem uma casinha, tem duas casinha, é obrigado a fazer uma pequeninha, mais é obrigado a fazer” (Entrevista concedida em 26/01/2004).

Todos os pescadores entrevistados ou contatados durante o verão estavam com suas próprias casas ou casas de parentes alugadas. Em muitos casos os locadores são conhecidos de outras temporadas, o que revela uma dimensão interessante da relação com os turistas. *Campeão*, por exemplo, nos conta que recebe correspondência de pessoas que já haviam se hospedado em sua casa.

A temporada traz consigo um rearranjo espacial temporário: *seu* Adilson aluga sua casa e transforma seu barracão de pesca em restaurante, *Campeão* muda-se para uma casa menor. É como se um novo espaço começasse a emergir com a chegada do verão: a vila de pescadores transforma-se em espaço “turístico”.



Figura 1 – O barracão do pescador Adilson, transformado em restaurante durante a temporada

Foto: Eduardo Manchon Arantes

Elementos relacionados ao trabalho no mar – como a bóia de barco na parede ao fundo – transformam-se em significantes à disposição dos visitantes. O próprio barracão, espaço de trabalho, remete a novos sentidos, como “despojamento” e “rusticidade”.

3 Espaço Turístico: Magia e Transgressão

Que lugar é este, afinal, que se denomina de *destino turístico*? Longe de conotar uma impossível essência de um lugar geográfico, a denominação indica o fato dele constituir-se em um *constructo* cultural, um espaço que por diversas razões constitui-se como *lócus* de um conjunto de práticas ligadas à viagem, ao deslocamento, ao consumo, enfim, a uma determinada dimensão do imaginário moderno. A idéia de *natureza* exerce neste caso um papel

primordial. Recorrendo às contribuições da semiologia de Roland BARHES (1957 e 1990), pode-se pensar que no caso da região do Farol de Santa Marta ressalta o *mar* como significante. Este que se sujeita a vários significados, cada um deles construídos de acordo com o sujeito social que o enuncia: ela é, para o turista, objeto de fruição. Para o nativo, que o tem como meio de produção, objeto de subsistência, que pode também estar associado à *beleza*, mas certamente em um registro bastante distinto daquele do turista. Entretanto, para além de jogos de sentidos, estes signos e significados associam-se a práticas concretas, materializadas, por exemplo, nos diferentes usos do espaço e de relações com a paisagem, como já foi percebido por John URRY (1999: 52):

Nas mais antigas aldeias onde a pesca constituía a principal atividade econômica, as casas eram construídas muitas vezes com os fundos dando para o mar, a exemplo de Ravenglass, no Distrito dos Lagos. O mar era para se pescar, não para contemplar.

Para os muitos turistas que viajam para a Região do Farol de Santa Marta, os significados atribuídos à natureza – mar, encostas, praia – encontram-se entrelaçados às idéias de *magia* e *energia*: “Eu acho isso aqui altos pico astral, a energia, tudo que rola aqui ...”, diz uma turista (Vendedora, 27 anos). A estas idéias associa-se também a visão romântica acerca da vida dos nativos: “Farol de Santa Marta é daqueles lugares onde se tem a impressão que o tempo parou” (GUIADEPRAIAS, 2004). Ou, ainda: “O Farol de Santa Marta emociona, encantos e magias da natureza mostram claramente que Deus foi generoso com a Comunidade de Pescadores que habita esse paraíso desde do ano de 1909” (TABLOIDEALTERNATIVO, 2004).

A história da Região do Farol como espaço turístico é semelhante à de outras localidades, como Trancoso e Porto Seguro na Bahia, Canoa Quebrada no Ceará, Trindade no Rio de Janeiro e Garopaba, no próprio litoral catarinense, entre outros. No decorrer dos anos 1970 e 1980, estes lugares eram procurados por jovens oriundos dos centros urbanos na busca por espaços, temporalidades e estilos-de-vida que já não podiam ser encontrados

nos balneários eleitos pelas camadas médias e altas. Um site da Internet chega a referir-se à região do Farol como “o último reduto hippie dos anos 70” (AMPLESTUR, 2004).

Estes lugares *mágicos* dos anos 1970 e 1980 transformavam-se em espaços liminares, se pensarmos na adequação que alguns autores fazem do esquema do processo ritual de Turner (1974) – originalmente elaborado para pensar os ritos de passagem em sociedades pré-industriais – para analisar as experiências turísticas (NASH, 1996: 40-43). Aliás, o próprio Turner (1974:138) aponta para a possibilidade de ver as experiências hippies dos anos 1960 e 1970 nos termos da liminaridade: “A acentuação dada pelos ‘hippies’ à espontaneidade, ao imediatismo e à ‘existência’ põe em relevo um dos sentidos em que a ‘communitas’ contrasta com a estrutura”.

No caso do Farol de Santa Marta, o espaço turístico construído culturalmente como *mágico* passou a ser espaço liminar de transgressão, que se fundamenta fortemente na apropriação de signos do universo do reggae, cujos agentes, os turistas, são em sua grande maioria jovens universitários oriundos de centros urbanos. O espaço/tempo possibilita a liberação dos constrangimentos familiares, como podemos notar pelo depoimento da estudante de 21 anos, vinda de Florianópolis, ao referir-se ao Farol em comparação com outra localidade, na qual costuma veranejar em companhia dos pais:

[...] aqui eu não tenho na real, eu não tenho minha mãe pra me encher o saco e, pô, aqui *legalize* total e rola uma balada legal também que é massa de ir e tudo isso que eu falei que eu me encarno assim ó, o visual que lá também é massa mais aqui é mais massa ainda (Entrevista concedida em 22/02/2004).

A apropriação do “reggae” aparece na gíria *legalize*, usada de modo recorrente pelo cantor e compositor Peter Tosh para a defesa da discriminação da maconha. Um de seus álbuns, *Legalize it* (Virgin Records 1976), traz na capa o artista em meio a vários pés de *cannabis sativa*; em outro álbum, *Bush Doctor* (Rolling Stones Records, 1978) a canção que dá título

ao disco diz: "Legalize marijuana /Down here in Jamaica /It can build up your failing economy /Eliminate the slavish mentality"⁴.

É no conjunto de práticas transgressoras que se situa o consumo de drogas, o que acaba sendo apreendido por jovens nativos, como se percebe no depoimento do pescador Zé Aléu:

[...] é, isso aqui tá minado (pelas drogas). Foi duns tempo pra cá, tem uma gurizada aí, mas tem uns desocupado aí que não fazem nada, não pesca, amanhece anoitece, só vem, come em casa e ... prancha [...]. (Entrevista concedida em 13/12/2004).

O mesmo tipo de percepção nativa sobre as drogas foi encontrado por Flores e Silva (2001:190) em sua pesquisa na Praia dos Ingleses, Florianópolis/SC: "[...] os rapazes, um bando de guri pequeno ainda, querem só saber de droga, comprar tênis da moda, andar feito os guris, filhos de turista".

A relação entre os jovens turistas, oriundos do espaço urbano, os jovens nativos e o uso de drogas não pode, contudo, ser entendida simplesmente nos termos de um *efeito de demonstração*. Cabe aqui a advertência de Bourdieu (1983: 39) quanto à necessidade de "construir os problemas sociológicos em oposição aos 'problemas sociais', do 'senso comum', do jornalismo ou da política [...]". No caso da Praia dos Ingleses, a autora interpreta a fala nativa como uma explicação elaborada para expressar as mudanças trazidas pelo turismo, dentre as quais "é criada uma necessidade de consumo que se torna um imperativo para eles, uma vez que sentem vergonha de ser vistos apenas como um grupo de nativos manezinhos" (FLORES E SILVA, 2001: 190).

A questão das drogas desloca-se, assim, da constatação de uma *imitação*, ou da perspectiva da aculturação, para o interior de um processo mais complexo, que implica na abordagem das posições relacionais (BOURDIEU, 2003: 16) de turistas e nativos em contato, vale dizer, como "atores sociais em negociação" (GIOVANNINI JR, 2001:151). Deste ponto de

⁴ Tradução livre: Legalize a maconha/Aqui na Jamaica/Ela pode construir nossa economia falida/Elimine a mentalidade servil.

vista, o lugar turístico passa a ser entendido como um “espaço social polissêmico” (GRÜNEWALD, 2001: 128) e a pergunta pode ser formulada em outros termos: quais os signos que cada grupo escolhe no universo do Outro e que significados procuram produzir? No caso dos nativos a preferência parece residir nos objetos de consumo, na prática do surfe e no uso de drogas, que funcionam como sinalizadores de modernidade. Em direção inversa, os turistas optam pelos signos da vida anti-moderna. Ambos os lados envolvem-se a partir daí em um processo que não se limita ao nível imaginário, materializando-se em práticas sociais e culturais similares em suas formas, mas cujos sentidos não podem ser interpretados senão a partir das referências de cada grupo.

Não menos importante é o fato dos significados possíveis encontrarem-se em um repertório produzido, para além das relações sociais estabelecidas no espaço turístico, na publicidade e na indústria cultural, uma vez que estas permeiam tanto os imaginários do turista como do nativo. Na ligação entre o tênis e a vida urbana, por exemplo, o turista oferece ao nativo apenas a concretude de um signo já apreendido anteriormente, como no caso do guia de Tana Toraja, registrado por Valene SMITH (1989: 9) quando afirmava: “O turismo não é importante em nossas vidas – nós vemos o mundo pela televisão todas as noites”.

Por outro lado, a associação imaginária entre a *vila de pescadores à beira mar* e o *paraíso* encontram-se no imaginário urbano, no qual o *bucólico* vem, desde o romantismo, constituindo-se como antítese da modernidade. Nos gêneros ficcionais da indústria cultural, novelas como *Tropicaliente* (1994), *Mulheres de Areia* (1993) e *Kubanakan* (2003) são exemplos da produção de representações sociais acerca da vida das pequenas comunidades pesqueiras.

Muitas vezes, quando o encontro entre nativos e turistas ultrapassa o espaço liminar para concretizar-se na estrutura do cotidiano, ocorre um desencantamento (à maneira da ir-realização do Desejo na leitura psicanalítica), como se depreende de dois trechos do depoimento da universitária gaúcha de 21 anos, que em uma temporada no Farol conheceu

um nativo, com quem veio depois a viver junto. Com o passar do tempo, ela acabou defrontando-se com as exigências tradicionais em relação ao papel das mulheres na comunidade, fato que a levou a questionar outros aspectos da cultura local, inclusive a autenticidade do comportamento dos nativos durante o verão:

[...] não, esse mundo não existe, isso aqui é horrível, detesto isso aqui, as pessoas são burras, eu chegava assim ao ponto de... Na verdade eu tava sendo uma burra, mas... Eu não aceitava aquilo: a mulher aqui é explorada, o homem aqui não faz nada, pesca e acha que é o máximo, tem medo de sair daqui, um conflito tipo interno [...] eu não vou fazer comida [...].

[...] eles têm aquele mundinho fechado deles, que é as leis próprias, as regras próprias, e a televisão e o rádio, e a própria galera no verão, que vai pra lá, tem tal influência na vida deles que me dá raiva até! Por que são tão influenciáveis e ao mesmo tempo preservam tanto a cultura? Como que no inverno eles são tão fechados, e no verão eles são tão abertos?! Eles mudam, são duas personalidades diferentes. Meu namorado mesmo, eu conheci no verão e achei, que pessoa legal, cara, olha só, vida boa que leva, uma visão aberta... Não! É uma fachada que eles criam pra passar aquela impressão. A galera vai embora, parece que eles ficam mais fortes ainda, eles querem manter mais aquele negócio de...deles. Aí a galera volta... Ah, não, posso ficar com quem eu quero, posso fazer o que eu quero, tipo assim... (Entrevista concedida em 11/04/2004).

O segundo trecho de entrevista revela que, no caso do Farol, a experiência liminar não é exclusiva dos turistas, mas envolve também os homens jovens da localidade, o que nos permitirá, nos desdobramentos ulteriores da pesquisa, pensar as especificidades das experiências turísticas nas quais ocorre a interação direta (NASH, 1996: 47-8), possibilitando também entender melhor os processos culturais em comunidades litorâneas tais como se desenvolvem na contemporaneidade.

Considerações finais

Abordar as mudanças culturais em curso na região do Farol de Santa Marta, como de resto qualquer processo cultural, requer nuances que não podem ser resolvidas em fórmulas dicotômicas, sob o risco de perdermos de

vista inclusive os próprios mecanismos de dominação simbólica, política e econômica que pretendamos esclarecer. A idéia de uma cultura nativa que se esfacela perante a assimilação de traços da cultura do turista, mais poderosa em sua *essência*, e que encontra sua forma mais completa nos estudos da “plataforma de advertência” (JAFARI, 1994), tanto subestima as estratégias de resistência e negociação acionadas pelos moradores locais, como obscurece os sentidos das ações das quais são os turistas são os agentes.

O raciocínio essencialista aplicado ao turismo, entendido como fenômeno cultural, leva a equívocos semelhantes àqueles que, por muito tempo, dificultaram a compreensão do papel da Comunicação de Massa nas sociedades periféricas. Ao comentar o impacto da Cultura de Massa, produzida nos Estados Unidos, sobre a cultura popular no Brasil, Alfredo BOSI (1987: 10) chama a atenção para o fato de que “a cultura de massa já é colonizadora nos seus processos e nos seus centros de origem: ela invade, ocupa e administra o tempo do relógio e o tempo interior do cidadão, pouco lhe importando as fronteiras nacionais”. Em outros termos, não seria o fato da cultura de massa ser *estrangeira*, oriunda em suas formas do país que detém a hegemonia imperialista, que a transforma automaticamente em força desenraizadora e desintegradora de costumes nacionais. Tal lógica supõe uma essência de origem – enunciada como A cultura norte-americana –, obscurecendo o fato dela ser também uma construção cultural em sua origem, cuja força de dominação simbólica submete os próprios norte-americanos (EWEN, 1976).

Em raciocínio análogo, as práticas sociais das quais os turistas são portadores não poderiam caracterizar uma cultura essencial ao turista. Em primeiro lugar, porque sob as designações genéricas de *turismo* e *turistas*, encontram-se uma diversidade heterogênea de práticas sociais e culturais, como atestam as diversas tentativas de elaboração de tipologias (NASH, 1996: 46; SMITH, 1989: 4-6; SANTANA TALAVERA, 1997: 35-43). Em segundo lugar, mas não de menor relevância, porque à luz das ciências sociais, a cultura não pode ser compreendida a partir daquilo que Bourdieu (2003: 17) chamou de “modo de pensar substancialista”.

REFERÊNCIAS

- AMPLESTUR. Disponível em <http://www.amplestur.com.br> - Acesso em 03/04/2004.
- A NOTÍCIA. *Pesca industrial avança no Farol de Santa Marta: Pescadores reivindicam maior área de proibição*. Joinville, 14/03/2003. p. 1.
- BARRETTO, Margarita e BANDUCCI JR. Álvaro (orgs). *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Éditions du Seuil, 1957.
- BARTHES, Roland. *O Óbvio e o Obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In BOSI, Alfredo (Org.). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. p. 7-15.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas*. 4a Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983 (Grandes Cientistas Sociais, 39).
- EWEN, Stuart. *Captains of Consciousness: Advertising and the Social Roots of the Consumer Culture*. New York: McGraw-Hill, 1977.
- FLORES E SILVA, Yolanda. Pobreza, violência e crime – Conflitos e Impactos Sociais do Turismo sem Responsabilidade Social. In BARRETTO, Margarita e BANDUCCI JR. Álvaro (orgs). *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001. p. 175-193.
- FUNDAÇÃO RASGA MAR. *Informativo*. Laguna, SC: s/d.
- GIOVANNINI JR, Oswaldo. "Cidade Presépio em Tempos de Paixão". Turismo e Religião: Tensão, Negociação e Inversão na Cidade Histórica de Tiradentes. In BARRETTO, Margarita e BANDUCCI JR. Álvaro (orgs). *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001. p. 149-174.
- GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e o "Resgate" da Cultura Pataxó. In BARRETTO, Margarita e BANDUCCI JR. Álvaro (orgs). *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001. p. 127-148.
- GUIADEPRAIAS. www.guiadepraias.com.br . Acesso em 03/04/2004.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. *Modos de Vida e Identidade: sujeitos no processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1996.
- LAGUNA. Secretaria Municipal de Saúde. SIAB: Sistema de Informação de Atenção Básica. *Consolidado das Famílias Cadastradas do Ano de 2003*. Laguna, SC, 2003.
- MARTINS, Celso. *Farol de Santa Marta: a esquina do Atlântico*. Florianópolis, SC: Ed. Garapuvu, 1997.
- NASH, Dennison. *Anthropology of Tourism*. New York: Pergamon, 1996.
- PINTO, Maria Isabel. *Farol*. Trabalho apresentado à disciplina Antropologia Cultural do Curso de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Laguna, SC, novembro de 2003.
- SANTANA TALAVERA, Agustín. *Antropologia y turismo ¿ nuevas hordas, viejas culturas ?*. Barcelona: Ariel, 1997.



ISSN: 1982-6125

SANTOS, Rafael José dos; ARANTES, Eduardo Manchon. Turismo e dinâmica cultural em uma comunidade de pescadores artesanais: o caso do farol de Santa Marta em Laguna (SC). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. v.4, n.1, p.5-23, abr. 2010.

SMITH, Valene (Ed.). *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. 2.ª Ed. University of Pennsylvania Press, 1989.

TABLOIDE ALTERNATIVO. www.tabloidealternativo.com.br. Acesso em 03/04/04.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

Artigo recebido em janeiro de 2010.

Aprovado para publicação em fevereiro de 2010.